



Contadores de histórias - oficinas sobre sexualidade com adolescentes

Storytellers - workshops about sexuality with adolescents

Fábio Augusto Lise

Universidade do Oeste de Santa Catarina

Stela Nazareth Meneghel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumen

Este trabalho analisa uma intervenção em educação da saúde realizada por meio de oficinas de contadores de histórias com um grupo de 19 adolescentes atendidos em um programa sócio-educativo na cidade de Porto Alegre. O objetivo do estudo foi problematizar a sexualidade, a partir da leitura e elaboração de histórias pelos jovens. A análise dos dados pautou-se nos estudos de Michel Foucault. Nas conversas e nas histórias construídas, os jovens contaram das violências presentes no cotidiano: a pobreza, a fome, a droga, a vida na rua, o tratamento desigual que recebem na instituição. Usaram repertórios onde se mesclam padrões tradicionais sobre sexo/gênero, traduzidos no desejo de namorar, casar, ter filhos e, ao mesmo tempo, usaram gírias e ironias em relação aos aspectos proibidos da sexualidade. Os jovens manifestaram receio em se comprometer com a proposta das oficinas, referindo-se a si mesmos como aqueles que não são capazes de apreender. Oficinas de histórias podem ser de valia nas práticas de educação em saúde como ferramentas para trabalhar com pessoas vulneráveis, inclusive adolescentes.

Palavras Chave: Oficinas de Histórias; Sexualidade; Adolescentes

Abstract

This work analyses a public health intervention based on storytellers' workshops with 19 adolescents attended by a social and educative program in Porto Alegre city. The study objective was to problematize sexuality, starting from story reading and elaboration by the teenagers. The data analysis was based on Michel Foucault studies. The teenagers throughout the conversations and the stories constructions talked about the violent situations on daily life: the poverty, the hunger, the drugs, the street life, and the unequal treatment they receive at institution. They used repertoires that mixed traditional patterns related to sex/gender, translated in the desire for dating, getting married, having children and, at the same time, they used a vocabulary of slang and ironies related to forbidden aspects of sexuality. The teenagers were afraid to establish a commitment with the proposal, referring themselves as the ones who are not capable of learning. Story workshops can be helpful as tools in educational health practices, in order to work with people who present vulnerability issues, including adolescents.

Keywords: Story workshops; Sexuality; Adolescents

Começando a refletir sobre o tema

A adolescência originou-se na sociedade ocidental (Carvalho, Rodrigues, Medrado, 2005), um conceito construído na virada do século XIX resultante da constituição da família nuclear burguesa. As mudanças sociais para o ingresso dos jovens na sociedade adulta forjaram a definição de adolescência como a conhecemos hoje.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (1985) definiu a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano que envolve a maturação sexual, a passagem da infância para a idade adulta e a valorização da autonomia e independência econômica. Para uns o adolecer é um período de transição, acompanhado por mudanças físicas, emocionais e sociais, para outros é uma espécie de moratória em que o jovem, embora apto a desempenhar as funções adultas referentes ao trabalho e sexualidade, ainda não tem o aval da sociedade para fazê-lo. Não existe um modelo único de adolescência e sim, adolescências que se expressam em histórias e contextos, podendo ter em comum o fato de que se referem a uma fase de maturação, não apenas biológica, mas também sociocultural (Buglione, 2005; Ventura da Silva, 2005). Adolescência e juventude têm sido usadas como sinônimos, embora o termo adolescência represente um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleraria o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade e o termo juventude refira-se a uma categoria sociológica, indicando a preparação dos indivíduos para a idade adulta (Silva & Lopes, 2009).

O discurso psicopedagógico nomeou a adolescência e, ao mesmo tempo, ocorreu a invenção da “sexualidade adolescente”, imagem de um dos perigos que rondavam a adolescência (Donzelot, 1986).

A sexualidade é um campo do conhecimento que surge na modernidade com a invenção do corpo humano como uma máquina concreta, dotada de dispositivos de sensibilidade e vontade adaptados a funções animais específicas. Durante o século XIX, os saberes biomédicos enfatizaram a pesquisa biológica sobre a reprodução humana e formularam a categoria instinto sexual para expressar a sexualidade como condição natural da reprodução. Essa sexualidade biológica associada à reprodução

reaproxima-se de uma dimensão moral, manifesta no controle do corpo e nos princípios do higienismo e da eugenia. A presença da sexualidade como tema científico nos saberes desta época representou uma tensão entre o fisicalismo do pensamento médico-psiquiátrico (o instinto sexual) e a valorização da vida espiritual ou moral (através da qual o homem pode sublimar o instinto sexual). Na História da Sexualidade, Michel Foucault desvela os mecanismos de produção de verdades acerca da sexualidade engendrados na sociedade ocidental (Foucault, 1993; 1994).

As práticas relacionadas à sexualidade são construídas histórica e culturalmente; deste modo cada sociedade possui um cabedal de normas e procedimentos expressos através de um conjunto de prescrições ou de discursos. Michel Foucault (1993; 1994) estudou os discursos elaborados na sociedade ocidental acerca da sexualidade e seu uso pelo projeto médico higienista com o objetivo político de normalização visando o controle social. Esse modelo denominado de biopolítico utiliza a sexualidade como um instrumento de controle da ordem social através da medicalização. O controle da sexualidade nas sociedades modernas age sobre o indivíduo por meio da regulação do sexo e sobre as populações por meio da normatização da reprodução. Pode-se, então, falar de dois modelos de medicalização historicamente configurados em relação à sexualidade: o biopoder apoiado no controle sanitário e reprodutivo das populações, e os saberes da psicologia que exploram os processos de individualização e a formação das subjetividades (Correa, 1994; Giami, 2005).

A emergência da SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) exacerbou a tensão entre o projeto médico-higienista de cunho social e o projeto da psicologia que foca a afetividade, as satisfações individuais e a busca do prazer. Assim, os jovens da época da SIDA convivem com a situação em que a sexualidade pode tornar-se um fator de vulnerabilidade, expondo-os a riscos de contrair doenças, situação confirmada pelos dados epidemiológicos que mostram a elevada incidência da infecção pelo vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) em adolescentes (UNESCO, 2003). A epidemia de SIDA retoma a posição de entender a sexualidade como uma situação carregada de contradições (sexo pode ser algo bom e, ao mesmo tempo ruim), atravessada

por interdições e ideologias (Duarte, 2004). Perguntamos, então, como realizar intervenções educativas efetivas que dêem conta de entender os sentidos que os jovens dão às experiências sexuais e possam contribuir para eles se tornarem mais autônomos no exercício da sexualidade?

No Brasil, nas últimas décadas, houve uma série de avanços em relação às políticas públicas para os jovens, incluindo a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente e o Programa de Saúde do Adolescente. O Sistema Único de Saúde preconiza a obrigatoriedade de campanhas de educação sanitária referentes à educação sexual, prevenção de DSTs/SIDA (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e gravidez, embora o que aconteça na prática é, na maioria das vezes, apenas a transmissão de conhecimentos referindo-se ao sexo biológico. Além disso, há omissão da lei em relação aos direitos reprodutivos e sexuais dos adolescentes, com sérias repercussões à saúde integral dos jovens (Pirrotta & Pirrotta, 2005).

A discussão sobre a sexualidade no âmbito da escola foi incluída nos currículos da educação básica, por meio do documento Orientação Sexual nos Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, do Ministério da Educação. O texto define que, a partir da 5ª série, é importante que a escola possa oferecer um espaço específico para orientar, debater e tirar as dúvidas dos alunos sobre a sexualidade. Entretanto, como o tema tem caráter transversal, isto é, de aplicação desejável, porém não obrigatória, sua implantação definitiva na grade curricular por vezes esbarra na idéia conservadora de que essa matéria poderia incentivar ou antecipar o relacionamento íntimo entre os jovens e a escola se exime de abordar o tema (Jeolás, 2005; Santos & Santiago, 2008).

Embora a sociedade mostre uma pretensa abertura em relação a temas relacionados à sexualidade humana, o que se observa é que os jovens pouco conversam sobre sexo nas famílias que transferem a responsabilidade acerca das orientações sobre sexo para a escola ou para os serviços de saúde. Poucas escolas trabalham com orientação sexual dos jovens e muitos professores se dizem despreparados para tal, os serviços de saúde por sua vez usam discursos prontos e

medicalizados (Santos & Santiago, 2008). Desta maneira, os jovens aprendem sobre sexo de duas maneiras contraditórias. Uma delas acontece na rua com amigos e colegas através de brincadeiras, conversas e dúvidas compartilhadas na linguagem própria à idade, onde o interesse está na sexualidade e no prazer que a acompanha. Outra referente aos esclarecimentos que a família, escola e serviços de saúde transmitem, pautados em informações como o processo reprodutivo e nos meios para evitar doenças.

Frente à necessidade de intervenções neste campo, organizamos oficinas de narrativas para problematizar a sexualidade e identificar os sentidos dados a ela por um grupo de adolescentes que faz parte de um programa sócio-educativo na cidade de Porto Alegre.

Caminho Metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa em que a produção de dados ocorreu durante uma atividade educativa focada no tema sexualidade em oficinas de contadores de histórias. Oficinas constituem um tipo de intervenção psicossocial na qual, por meio de atividades artísticas, artesanais ou lúdicas, procura-se problematizar o mundo junto aos participantes, muitas vezes usuários de serviços de saúde ou de programas sociais. As oficinas são um espaço de construção de conhecimento ancorado nas experiências do cotidiano, mediado pelo trabalho e pela arte, com possibilidades pedagógicas e terapêuticas. As oficinas de contadores de histórias utilizam o dispositivo “contar/ouvir/produzir histórias” como uma ferramenta para a educação em saúde. São particularmente potentes na problematização de temas *tabus* que possam produzir temor, desconforto, desconfiança ou vergonha. As histórias possibilitam o uso de figuras de linguagem, metáforas, eufemismos e outros recursos lingüísticos para abordar esses temas. Os diálogos travados nas oficinas constituem um corpus que pode ser lido como um texto narrativo em que, a partir de histórias que servem como gatilhos para a discussão de um tema, os falantes vão entabulando conversações (Connelly & Clandinin, 1995; Lira, Catrib & Nations, 2003; Meneghel & Iniguez, 2007).

O tema das oficinas centrou-se na discussão acerca da sexualidade, a pedido dos

professores e monitores que trabalham com esses jovens. Uma primeira atividade foi a realização de uma técnica em que se lançavam palavras para serem usadas na construção de uma história coletiva. As palavras faziam alusão a aspectos relacionais e de gênero como, por exemplo, *namorar, ficar, transar, engravidar, fazer sexo*, dentre outras. Os adolescentes rapidamente incluíram essas palavras no enredo de histórias que iam sendo inventadas.

Em outra oficina discutimos as manifestações culturais da sexualidade, a diversidade de práticas e comportamentos sexuais que podem acontecer em diferentes tempos históricos e culturas. Para esse tema usamos um conto adaptado do folclore brasileiro como disparador para a construção de histórias.

Para trabalhar questões referentes ao corpo/corporeidade usamos o texto denominado “A Casa com Cupins”, que tem sido usado para discutir HIV/SIDA (Ministério da Saúde do Brasil, 1997, pp. 87-88) O objetivo era problematizar o uso do corpo, o cuidado com ele, o sexo como mecanismo de poder e subjugação, as condutas sexistas, homofóbicas e discriminatórias em relação ao modo generificado com que a sexualidade é exercida.

Partimos da curiosidade do jovem para com eles questionar o mundo, construindo referências coletivas sobre o corpo, a sexualidade e a vida afetiva. Procuramos compreender a riqueza das diferenças individuais, a diversidade cultural e as maneiras como a sexualidade têm sido percebida e vivida. Entendemos que o educador de saúde é um agente de transformação social e que não pode desconsiderar as múltiplas formas de aprender, os valores e os saberes que estes adolescentes possuem.

Foram realizados oito encontros com o grupo, com duração aproximada de duas horas, no segundo semestre de 2007. Todos os participantes das oficinas eram adolescentes integrantes do Programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano da cidade de Porto Alegre, um programa de assistência social vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, focado na população jovem e tendo como objetivos o

desenvolvimento pessoal, social e comunitário.

A pesquisa faz parte de um projeto maior *Histórias e artes na promoção da vida* (Meneghel, 2005), aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade. Os participantes e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Termo de Cessão do Uso de Imagens. Para preservar as identidades dos adolescentes seus nomes foram substituídos por heróis de desenhos infantis, femininos e masculinos, em alusão às histórias em quadrinhos elaboradas por eles nas oficinas.

Iniciamos o processo de trabalho, após a negociação de entrada em campo realizada com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de Porto Alegre e contatos com as professoras que acompanham esses jovens. O procedimento inicial em cada um dos encontros foi o de lançar um desafio ao grupo através de uma narração, conto ou atividade que tratasse direta ou indiretamente do tema sexualidade. A partir deste desafio, deixamos ao grupo direcionar a discussão e construir seu próprio conhecimento sobre o assunto. Para envolver os adolescentes na atividade de confecção de histórias, utilizamos a arte (música, esculturas, leitura de contos, elaboração de histórias) e atividades lúdicas.

Os encontros foram gravados, filmados e fotografados e os dados transcritos respeitando todos os detalhes das falas (Lira e cols, 2003). As oficinas foram analisadas considerando os diálogos que ocorreram entre os participantes e pesquisador, assim como as interações com a professora que acompanhou o grupo. A produção de materiais gráficos e de textos também fez parte do material analisado. Disponibilizamos ao grupo materiais para desenho, pintura e modelagem, um acervo de músicas populares, folclóricas e eruditas. Os jovens criaram personagens, diálogos e diversos tipos de histórias: quadrinhos, textos, diálogos cuja confecção foi individual e coletiva.

A análise dos dados orientou-se pelos estudos de Michel Foucault procurando entender como as verdades construídas na sociedade sobre sexo/sexualidade se traduzem nas práticas discursivas, ou as maneiras pelas quais os adolescentes, por meio da linguagem, produzem sentidos para as experiências cotidianas. As práticas discursivas constituem linguagem em ação, momentos ativos do uso da língua,

capazes de produzir conflitos e contradições, mas também sentidos e significados (Iñiguez, 2004; Spink, 2004). Os discursos foram considerados em seu sentido amplo, como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam e a análise das práticas discursivas consiste em descrever as condições de existência de determinados discursos e o porquê de sua ocorrência (Fischer, 2001).

A investigação narrativa é um tipo de pesquisa em que os dados empíricos são produzidos em um processo em que as pessoas ao mesmo tempo em que contam suas histórias, estão refletindo e ressignificando estas vivências. A análise de uma narrativa está extremamente mesclada com o próprio processo de produção e começa na fase de trabalho de campo. Um aspecto importante na análise narrativa refere-se aos múltiplos *eus* que pesquisadores e pesquisados podem assumir, mesclando suas próprias histórias de vida com a dos personagens que estão inventando (Connelly & Clandinin, 1995).

A ideia inicial era proceder a análise das narrativas produzidas nas oficinas a partir do referencial teórico elaborado por Michel Foucault acerca do biopoder e do controle da sexualidade. Porém, após a leitura minuciosa de todo o material gravado nas oficinas, escolhemos dois grandes temas para nortear a discussão: primeiro, o discurso elaborado pelos jovens acerca de sexo/sexualidade e, em segundo lugar, os efeitos sobre os corpos produzidos pelas relações desiguais de poder em relação a estes jovens e suas famílias, configurando, na realidade, uma análise temática do material produzido (Bauer & Gaskel, 2002; Minayo, 1992). Ao tratar o primeiro tema, usamos como suporte teórico os dispositivos da sexualidade apontados por Michel Foucault e procuramos identificar a presença desses dispositivos nas histórias sobre sexo/gênero que os adolescentes produziram no grupo, entendendo que a pedagogização do sexo das crianças e adolescentes foi o mais evidente. O segundo tema de discussão trata dos efeitos das hierarquias de poder sobre os corpos adolescentes marcados pelas iniquidades estruturais da sociedade.

Histórias sobre sexo e gênero

Nesta parte do texto, discutimos as narrativas dos jovens que participaram das oficinas de contadores de histórias integradas por deze-

nove adolescentes, seis do sexo feminino e treze masculino, com idades entre 13 e 17 anos. Todos eles de baixa renda, moradores de zonas irregulares entre as regiões mais pobres da cidade, alguns estudantes do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). Duas das adolescentes já tinham engravidado e cuidavam de bebês menores de um ano.

Em todos os encontros tratamos temas ligados à sexualidade por meio de oficinas de histórias, entendendo que a discussão aberta sobre a sexualidade pode auxiliar o adolescente a ampliar o entendimento sobre os significados acerca de sexo construídos na cultura e agir de modo mais autônomo. Consideramos a problematização sobre o tema como o ponto de partida para a reflexão crítica acerca dos “discursos sobre sexo” veiculados pela sociedade e reproduzidos pelos participantes (Loyola, 1994).

Para problematizar um tema carregado de ideologias, interdições e contradições, no início do processo explicamos ao grupo que iríamos conversar sobre sexo. Já no primeiro encontro, um dos adolescentes desenhou um pênis no microcomputador. À pergunta da professora - *O que é isto Clark?* pedindo satisfações pelo desenho, Clark responde usando uma negativa: *Estava tentando desenhar o Mickey, professora*, ou seja, o pênis não é um pênis, é o *Mickey* (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011)¹. Consideramos que o jovem manifestou o desejo de falar sobre sexo, mas recuou ao ser interpelado pela professora, que de algum modo sinalizou o caráter de interdição conferido ao sexo:

“Professora: O que é isto Clark?”

[Em tom de brincadeira o adolescente justifica]:

Clark: Estava tentando desenhar o Mickey, professora. Só que está de cabeça para baixo.

[Depois disto o adolescente fechou o programa de computador e continuou a digitar a história no computador].” (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011).

A atitude de fazer um comentário e depois recuar, mudar o sentido ou negar o enunciado ocorreu várias vezes. *O que você disse?* - perguntava o pesquisador. *Nada não professor;*

¹ Visando manter o anonimato dos adolescentes participantes da pesquisa, estes foram listados numericamente (Entrevistado nº 01, 02...) e seus nomes foram substituídos.

Não tem importância, professor. Eles fizeram piadas sobre sexo, usando um agenciamento verbal indireto, ambíguo e carregado de duplo sentido. As piadas são consideradas textos orais, que apresentam situações socialmente controversas, estereótipos, discursos proibidos, provocando o riso pelo absurdo, pelo ridículo, pelo jogo de palavras e tipicamente veiculadas por adolescentes (Braga, 2002). A piada pode significar uma estratégia de resistência, um modo de falar sobre um assunto proibido, pressupõe a desorganização de um determinado *script* que temos na cabeça, produzindo outro sentido. É o caso do uso de Mickey Mouse (o inócuo personagem infantil de Walt Disney) para disfarçar aquilo que realmente se quer falar, um pênis ou um modo de sexualidade adulto.

Ao longo da história, muitos foram os motivos para se regular o sexo, diz Foucault. A família burguesa respeita os mecanismos de poder, contribuindo para as manobras de controle de natalidade, para a medicalização e a psiquiatrização do sexo. As ciências médicas do sexo se associam com a biologia evolucionista da reprodução. Essa associação do discurso sobre o sexo com o discurso científico deu a ele maior legitimidade. Os saberes médicos, sob uma aura de neutralidade científica, produziram verdades sobre o sexo ligadas a uma moral do controle da sexualidade e da conexão entre o “patológico” e o “pecaminoso” (Foucault, 1993, p. 40).

Assim, falar sobre sexo só é permitido se for um sexo medicalizado, higiênico, natural, que cumpre a função social de reprodução da espécie. Porém, os jovens romperam a interdição usando a ironia, as gírias e a transgressão, como um recurso de resistência aos discursos disciplinadores e moralistas. Usaram gírias como *vuco-vuco* para se referir ao ato sexual, porém, utilizando implicaturas conversacionais, que pressupõe um recuo estratégico, quando o tema é perigoso ou proibido. Segundo Stephen Levinson (1989) as implicaturas conversacionais são inferências que os falantes realizam a partir de um enunciado, podendo retirá-las ou amenizar o seu caráter se for julgado conveniente. Desse modo, conversaram sobre sexo, prazer, preferências sexuais, mas quando o pesquisador queria saber mais, eles se inibiam e negavam conhecer ou se interessar sobre o assunto: *eu nem sei nada sobre isto* [sexo] voltando atrás, possível-

mente ainda desconfiados com o que poderíamos estar querendo com a proposta das oficinas e pedindo que não insistíssemos: *Ai professor. Deixa quem não quer!*

Barth: Beijo na boca eu gosto, é coisa do passado. [Todos riem]. (Entrevistado nº 02, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Pesquisador: Então continua...

Clark: Agora a onda é namorar pelado. (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Pesquisador: Pessoal, conversem comigo um pouco! Vocês não gostaram da brincadeira, é isto? Digam o que vocês gostam?

Dhiana: Namorar! (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Clark: Vuco-vuco e dança da vassoura! (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Pesquisador: Mas então vamos falar sobre isto...[Várias pessoas falam ao mesmo tempo].

Dhiana: Eu nem sei nada sobre isto. (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Pesquisador: É bom conversar sobre o assunto! Porque sempre aprendemos algo sobre ele, não é?

Peter: Ai professor! Deixa quem não quer! (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Na História da Sexualidade, Foucault (1993) distingue quatro conjuntos estratégicos de dispositivos específicos de saber e poder, reforçados pelo discurso científico sobre o sexo: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo das crianças, a socialização das condutas procriadoras e a psiquiatrização do prazer perverso. Esses discursos foram se tornando dominantes no decorrer da história da sexualidade e ainda permanecem presentes nas práticas cotidianas da atualidade.

O dispositivo da sexualidade que considera o corpo feminino histórico supõe que a natureza feminina é inferior em relação à masculina (Costa, 1989). Esse discurso foi apropriado pelos higienistas, que confinaram a mulher ao espaço doméstico de cuidado da família e aos papéis tradicionais de gênero. As relações entre os jovens no grupo estiveram marcadas pelas hierarquias de gênero, presentes nos chavões do tipo: *guria, cala a boca, tu não sabe nada*, até nas narrativas construídas onde há heróis salvadores de princesas, reproduzindo elementos da cultura generificada em que a mulher —uma princesa com biótipo eu-

ropeu— necessita ser salva pelo herói e não consegue administrar sua vida, seu corpo, sua sexualidade, necessitando do homem para ser guiada e orientada. Segundo Leila Sollberger Jeolás (2005) entre as dificuldades encontradas no trabalho sobre sexualidade com adolescentes, a questão de gênero ou a relação hierárquica existente nas relações sociais entre homens e mulheres tem grande importância, já que se mantém o discurso (e a prática) da passividade da mulher nos assuntos relacionados a sexo.

No dispositivo chamado pedagogização do sexo das crianças (Foucault, 1993), a sexualidade é transformada em sexualização. O medo da masturbação, associada a patologias, induz à vigilância familiar e escolar, pautada na disciplinarização da vida escolar e doméstica marcada pelo medo de uma “danosa sexualidade infantil”, teoricamente prejudicial à sociedade, significando a liberação de energias a serem canalizadas para o trabalho. No grupo de contadores de histórias, os efeitos do discurso pedagógico e moralizador, assim como da vigilância que ainda hoje é exercida sobre os jovens, manifestaram-se nas narrativas e criações artísticas. Eles usaram o espaço da oficina de modelagem em argila, para confeccionar órgãos genitais e diabos, simbolizando uma sexualidade que ainda é percebida como perigosa e “diabólica”. Essa percepção da sexualidade juvenil como perigosa e desviante justifica a constituição de um saber técnico, que pretende produzir corpos dóceis sob os efeitos da disciplina, do ordenamento, do controle das atividades e do adestramento sobre os costumes e os comportamentos (Foucault, 1987).

O terceiro dos dispositivos descrito por Foucault (1993; 1994) é a socialização das condutas procriadoras, reduzidas às relações sexuais monogâmicas. Deste modo, todo o sexo deve ter função reprodutora, permitindo apenas uma sexualidade heterossexual, adulta, realizada entre pessoas com vínculos conjugais, sendo invisibilizadas as formas que extrapolam a sexualidade oficial. A família monogâmica burguesa confisca a sexualidade e a absorve totalmente na função de reproduzir, constitui o modelo de organização social e locus para a realização da sexualidade permitida: a monogâmica e heterossexual tendo a reprodução como objetivo.

Em uma das oficinas, foi construída uma história coletiva, em que cada membro agregava uma parte. O tema central escolhido pelos participantes foi uma história de amor entre adolescentes, seguindo o mito do amor romântico: namoro, paixão, casamento, gestação, filhos. Nessa história, eles colocaram no casamento a validação social da sexualidade socialmente permitida, afirmando que é necessário ser casado para ter filhos, que a sexualidade precisa ser regulada e que o papel esperado das mulheres é a maternidade:

Peter: Um guri e uma menina estavam sentados no banco da praça. E ele disse que amava ela. (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Professora: Sim... Eles começaram a namorar e o namoro deles foi bem emocionante!

Fred: Era uma paixão de adolescentes. (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Homer: E eles evoluíram juntos. (Entrevistado nº 06, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Bob: Era o crescimento de suas vidas. (Entrevistado nº 07, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Peter: Eu continuo professor. E eles mudaram de casa. (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Professora: E está mudança provocou uma transformação no seu relacionamento.

Fred: E daí eles se casaram. (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Bob: E caiu com um ombro na árvore. Este é difícil professor? (Entrevistado nº 07, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Homer: E tiveram um bebê. (Entrevistado nº 06, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Timoty: E as pessoas gostaram muito das crianças. (Entrevistado nº 08, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Peter: Os alunos dela eram jovens... Assim! Ela era professora e os alunos dela eram jovens e adultos. (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Fred: Ela dava aula para jovens e adultos e fazia deles seres humanos. (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Homer: E os filhos da professora viraram adolescentes. (Entrevistado nº 06, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Bob: Eles tinham casado? (Entrevistado nº 07, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Peter: Depois de um tempo a mulher dele decidiu ter uma gravidez. (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Fred: E agora digo: ela não se preveniu? (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Peter: Mas ela queria ter a gravidez. (Entrevistado nº 04, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Nas histórias que os adolescentes produziram, eles fizeram uso de dois tipos de repertórios sobre gênero. O primeiro deles calcado nos papéis tradicionais do que é ser homem/mulher, representado pela figura da princesa à espera do príncipe e no ideal do amor romântico ou do casamento burguês. O segundo, falava das práticas cotidianas, das explorações sobre a sexualidade, abrindo espaço para enunciar em tom de brincadeira, que gostam de *namorar pelado, de vuco-vuco, de dança da vassoura*.

O último dos dispositivos descritos por Foucault (1993; 1994) a *psiquiatrização do prazer perverso* indica que práticas sexuais não usuais foram patologizadas, transformadas em desviantes e os comportamentos catalogados como distúrbios ou perversões. Na sociedade ocidental, os saberes sobre sexo foram formulados de modo conjunto pelos sistemas médico e jurídico e expressos na forma de pares de opostos, em uma articulação binária: o lícito e o ilícito, o permitido e o proibido, o normal e o perverso e assim por diante. O poder constitui as relações sexuais como uma *ordem* que se articula na relação com a lei e gera a regra, o discurso sobre o sexo certifica o correto e determina a verdade.

A tensão entre o sexo medicalizado/higiênico/permitido e o sexo proibido, mas vivido no cotidiano emergiu nos enunciados dos adolescentes. Em vários momentos do processo grupal entrou em cena o sexo proibido, enquanto os discursos e as histórias falavam dos ideais do amor romântico. O pênis, ao mesmo tempo brincalhão e agressivo, parecia nos indicar o lugar de interdição ainda ocupado pela sexualidade dos adolescentes, um símbolo que eles usaram para nos confrontar, sinalizando as dificuldades em falar sobre a sexualidade.

Corpos maltratados e violentados

O discurso médico higienista ativa mecanismos de controle para produzir corpos obedientes, normalizados e saudáveis (Machado, 1979). Esse processo de domesticação dos corpos foi socialmente construído para atender objetivos socioeconômicos, em uma rígida disciplina que visa preparar a população para o trabalho. O corpo torna-se o espaço onde várias correlações de força —as relações de dominação— atuam e se dispõem (Silveira & Furlan, 2003). O processo de disciplinarização dos corpos que iniciou no século XVIII foi organizado de modo a ativar um processo de coerção que opera pelo esquadramento do tempo, espaço e movimento corporal, produzindo um controle minucioso das operações do corpo assujeitado segundo o princípio de utilidade. Nasce então uma arte do corpo humano, uma política das coerções, um trabalho que define como adquirir poder sobre o corpo do outro, para que esse outro opere como se quer, com as técnicas, a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim, por meio de todas as suas instituições —escola, orfanato, exército, convento, fábrica— corpos submissos e exercitados, em suma, corpos dóceis. Corpos femininos utilizados para reprodução e corpos masculinos adestrados para o trabalho, cindidos de tal forma que permanecem em conflito, porém podendo sempre submeter-se à dominação ou estabelecer resistência a tais forças (Foucault, 2004).

Direta ou indiretamente eles falaram sobre os corpos maltratados, assujeitados e violentados. Na história produzida “O menino que era magro e ficou gordo”, foi usada a metáfora do “corpo gordo e do corpo magro” sinalizando a magreza como condição social de vulnerabilidade: *Bom, este menino que estão vendo é magro. Ele precisa de ajuda. Num belo dia ele e a mãe dele foram ao médico para ver se resolvem o problema dele. O médico disse: - Seu problema é que você precisa comer e fazer exercício físico.* O contador da história retrata uma tipologia das classes populares, em que os corpos saudáveis são gordos e os corpos doentes são magros. Esses corpos são objeto de prescrições médicas: *você precisa comer e fazer exercício.* A magreza como sintoma apareceu em outras narrativas, uma delas sobre um menino drogado [que emagrece]

e outra de crianças que moravam na rua e não tinham o que comer.

No percurso das oficinas os jovens, mesmo se esquivando e dizendo não (*não queremos fazer isso, deixa disso professor, vamos embora, não entendemos*) produziram uma grande quantidade de materiais escritos e artísticos. A leitura que fizemos é que eles se sentiram à vontade para dizer não e recusar-se a participar de atividades que não os interessaram.

Nas situações que demandavam maior esforço, eles desqualificavam a si mesmos, ao outro ou ao grupo: *eu disse, professor, que aqui é tudo burro. (...) Cala a boca, gurria, que mais burra é você*. Este processo de autodesvalorização nos parece o resultado do processo pedagógico-disciplinar voltado às camadas populares, preparando-as para serem dóceis e disciplinadas.

Dhiana: Eu também não entendi nada! Ih! Isto é muito complicado, nós não vamos conseguir fazer. Ai professor vamos parar com isto, que é muito difícil esta brincadeira. (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Shaiéra: É abacaxi sua anta, eu te fiz sinal. (Entrevistada nº 09, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Dhiana: Ai que chato professor! Eu disse professor, que aqui eram tudo burro. (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Clark: Cala a boca gurria! Que a mais burra é você. (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Dhiana: Diz outra palavra, burro. Ela não sabe ler professor. (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Clark: Era uma vez uma brincadeira bem chata... Vai você meu! (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Timoty: Ai professor, eu não sei! Agora não sei mais fazer professor. Ficou difícil. (Entrevistado nº 08, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Dhiana: Não pode fazer uma dupla de quatro, anta! (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

John: Cala boca gurria. (Entrevistado nº 10, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Dhiana: Esperto? Aqui são tudo uns burros. (Entrevistada nº 03, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

John: Cala boca gurria que mais burra que você não tem! (Entrevistado nº 10, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Clark: Hui! É uma burra mesmo! (Entrevistado nº 01, Entrada de Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Ao avaliar o processo vivido nas oficinas de contar histórias, julgamos promissor o fato de os adolescentes terem se apropriado do espaço coletivo como uma forma de expressar insatisfação e protesto com algumas das normas da instituição; uma maneira de apresentar resistência a um modelo disciplinarizador e questionar as verdades instituídas. Histórias, como a elaborada por Timoty, demonstram o senso crítico desses jovens, compreendendo, denunciando e protestando em relação a situações que percebem como injustas. Manifestaram uma aguda percepção dos esquemas de privilégios e favores que são mantidos nas instituições sociais que deveriam tratá-los de modo igualitário:

Timoty: Todo dia de curso os garotos [diz os nomes de vários garotos que compunham o grupo] vêm a pé lá da Santana e da Azenha [bairros de Porto Alegre]. E a professora diz que é pertinho. Pertinho pra ti né professora! Tá louco, mais um pouco eu vou sumir. O cara vem a pé e não ganha passagem e quem mora bem pertinho ganha passagem e nós que moramos longe não ganhamos. Quem mora longe até vale ganhar passagem, mas o resto não tem que ganhar nada os que moram perto. (Entrevistado nº 08, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011).

Fazendo histórias, os jovens denunciaram a violência estrutural da sociedade, que lhes nega condições mínimas de subsistência e consumo, em narrativas cujos títulos dizem: “Nunca vi um Play 2” ou “A casa Imobiliada” (sem móveis). Na “História de um Menino Drogado” contaram sobre o acesso às drogas e o que pensam do seu uso:

Fred: A história começa com um jovem estudante que morava com seus pais numa pobre vila chamada Chocolateira [vila de Porto Alegre]. O garoto no outro dia foi convidado para cheirar cola e fumar um baseado [maconha]. O menino pegou o baseado foi fumar escondido e cheirar loló. Então se viciou. Seus pais descobriram e mandaram internar, mas só que os pais do menino não sabiam que o menino era judiado na clínica. Na escola era um menino inteligente e adorável pelos professores. Os próprios amigos dele falavam que ele tem muita determinação e vontade para vencer, mas só que ele não sabia que as drogas iam matar. Logo ele viu que começou a emagrecer e ficar muito doente e parou no hospital. Logo depois que saiu do hospital ele parou e pensou em parar com as drogas. (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011).

Roni: Parar de usar né? (Entrevistado nº 11, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011).

Fred: É parar de usar. Então ele voltou a morar com seus pais e conseguiu largar as drogas e voltou à escola. Acabou. (Entrevistado nº 05, Entrada de Diário de Campo, 19 de julho de 2011).

A narrativa de Fred trata de um menino que vive em uma das vilas irregulares mais pobres e violentas da cidade (o Chocolatão), local onde grande parte das crianças e adolescentes cheira cola (loló) e fuma maconha. Na história que nos contou aponta o rechaço e o maltrato ao menino por parte das instituições sociais que tem como função o cuidado. O menino contador de histórias produz um final feliz para a narrativa, embora pouco provável, em que o personagem *voltou a morar com os pais, conseguiu largar as drogas e voltou à escola*.

Em um texto que chamaram “Crianças nas Ruas” apontaram a realidade das pessoas que, como eles, vivem em condições de vulnerabilidade social. A história fala na esperança de mudar de vida, embora seja uma esperança baseada em favores concedidos, que reproduz uma concepção paternalista de assistência e não de direitos.

Mesmo se esquivando, dizendo que não sabiam e não queriam participar, os jovens contaram histórias nas quais relataram pedaços de suas vidas, as múltiplas violências que sofrem (estrutural, interpessoal, institucional), a auto-desvalorização (que de certa forma valida as desigualdades) e o sentimento de injustiça frente às iniquidades.

Para Concluir

Ao trabalhar em oficinas de contadores de histórias com jovens que freqüentam um programa governamental sócio-educativo observamos que eles não têm recebido orientações acerca da sexualidade na escola, no programa agente jovem e tampouco em suas famílias (Knauth, Víctora & Leal, 2005). No Brasil, o enfoque central em educação da saúde tem sido a veiculação de informações sobre agravos partindo do pressuposto que os indivíduos, ao receberem informações objetivas, responderão através de escolhas racionais que resultarão em mudança de comportamento e redução do risco principalmente em relação as DSTs/SIDA (Loyola, 1994).

Ao iniciar o processo grupal estávamos bastante implicados com os oficineiros, acreditando que poderíamos contribuir para criar um espaço de interação crítica e dialógica

(Freire, 1983), embora, os adolescentes em vários momentos, não tenham participado. Porém, entendemos que este é um direito que lhes assiste e uma forma que usaram para afirmar o desejo de serem respeitados e não apenas objeto de estudos e pesquisas. Ao analisar a riqueza, a diversidade e a politicidade do material produzido nas oficinas de contar histórias, compreendemos o quanto a conduta de desafio e transgressão constitui uma estratégia dos adolescentes para assegurar o direito de serem reconhecidos. A insegurança que manifestaram durante a realização dos trabalhos nas oficinas, referindo a si mesmos como aqueles incapazes de aprender, reforçou a necessidade de uma atitude pedagógica baseada no respeito, na dialogicidade e na construção coletiva de conhecimento.

Contar histórias mostrou-se uma estratégia factível de ser usada no trabalho de educação da saúde, sensível para tratar temas complexos como sexo/sexualidade. As histórias foram utilizadas como meio de expressão, elaboração de idéias e, além do mais, possibilitaram a verbalização de denúncias das desigualdades produzidas pelas instituições e pelas hierarquias de poder como as de classe/gênero.

Uma das limitações das oficinas foi a de que nem todos os materiais produzidos puderam ser problematizados ou discutidos no processo de trabalho, pela limitação de tempo e mesmo porque eles pediam para interromper as sessões, o que foi respeitado. As desigualdades de gênero, por exemplo, apareceram nas interações grupais entre os jovens e nos discursos que veiculam estereótipos e padrões generificados, porém elas não foram suficientemente discutidas.

Enfim, ao analisar o processo grupal foi possível concluir que a intervenção produziu inquietações nestes adolescentes. A idéia de usar histórias como disparadoras de discussões sobre sexo/sexualidade alavancou conversas que sequer tínhamos imaginado. Os adolescentes identificaram outros temas e se sentiram autorizados a contar outras histórias, como a das violências que fazem parte do cotidiano. Histórias contadas e produzidas coletivamente, contextualizadas em um mundo marcado por desigualdades de raça, gênero, idade e classe social.

Referências

- Bauer, Martin & Gaskel, George (2002). *Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Braga, Elizabeth Santos (2002). Piadas de adolescentes: jogos da e na língua. *Veredas - Revista de Estudos Lingüísticos*, 5, 117-124.
- Buglione, Samantha (2005). Sujeito de direito X Sujeito sexual: conflitos sobre os direitos sexuais de adolescentes. In Adorno Rubens (Org.), *Jovens, trajetórias, masculinidades, direitos* (pp. 53-74). São Paulo: Fapesp.
- Carvalho, Alysso Massote; Rodrigues, Cristiano Santos & Medrado, Kelma Soares (2005). Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10, 377-384.
- Connelly, Michel & Clandinin, Jean (1995). Relatos de experiência e investigação narrativa. In Jorge Larrosa (Org.), *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación* (pp.11-59). Barcelona: Editorial Laertes.
- Correa, Mariza (1994). Medicalização e a construção da sexualidade. In Maria Andreia Loyola (Org), *Aids e sexualidade - o ponto de vista das ciências humanas* (pp. 117-140). Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.
- Costa, Jurandir Freire (1989). *Ordem médica e norma familiar* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Donzelot, Jacques (1986). *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal.
- Duarte, Luiz Fernando Dias (2004). A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In Adriana Piscitelli (Org.), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras* (pp. 39-80). Rio de Janeiro: Garamond.
- Fischer, Rosa Maria Bueno (2001). Foucault and analysis of discourse on educational researches. *Cad. Pesquisa*, 114, 197-223. Acessado em 13 de fevereiro de 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso
- Foucault, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, Michel (1993). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel (1994). *História da Sexualidade II: O uso dos Prazeres* (7 ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel (2004). Os corpos dóceis. In Michel Foucault, *Vigiar e Punir* (pp. 125-152) (5ªed.). Petrópolis: Vozes.
- Freire, Paulo (1983). *Pedagogia do Oprimido*. (13 ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giami, Alain (2005). A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade? *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 15, 259-284.
- lñiguez, Lupicínio (2004). *Análisis del Discurso - Manual para las ciencias sociales*. Barcelona: Editorial UOC.
- Jeolás, Leila Sollberger (2005). Relatos do Projeto Juventude, Sexualidade e Saúde como Abordar a Sexualidade em Sala de Aula. *Estação*, 3, 1-11.
- Knauth, Daniela Riva; Víctora, Ceres Gomes & Leal, Andreia Fachel (2005). Liberdade, Sexo e Drogas: A Vulnerabilidade de Homens Jovens de Camadas Populares. In Adorno Rubens (Org.), *Jovens, trajetórias, masculinidades, direitos* (pp. 147-161). São Paulo: Fapesp.
- Levinson, Stephen (1989). *Pragmática*. Barcelona: Teide.
- Lira, Geison Vasconcelos; Catrib, Ana Maria Fontenelle & Nations, Marilyn (2003). A Narrativa na Pesquisa Social em Saúde Perspectiva e Método. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, 16(1/2), 59-66.
- Loyola, Maria Andreia (Org.) (1994). *Aids e sexualidade - o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.
- Machado, Roberto (1979). *Microfísica do Poder. Edição com Base em Textos de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- Meneghel, Stela Nazareth (2005). *Histórias e artes na promoção da vida*. Projeto de Pesquisa inédito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Meneghel, Stela Nazareth & lñiguez, Lupicínio (2007). Contadores de Histórias: Práticas Discursivas e Violência de Gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 1815-1824.
- Ministério da Saúde do Brasil (1997). *Manual do Multiplicador: Adolescente*. Brasília: Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids.
- Minayo, Maria Cecília (1992). *O desafio do conhecimento - Pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: HUCITEC.
- Organización Mundial de la Salud (1985). *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington: OMS/OPS.
- Pirotta, Wilson Ricardo & Pirotta, Katia Cibele (2005). Relações de gênero e poder: os adolescentes e os direitos sexuais e reprodutivos no Estatuto da Criança e do Adolescente. In Adorno

- Rubens (Org.), *Jovens, trajetórias, masculinidades, direitos* (pp. 75-90). São Paulo: Fapesp.
- Santos, Ellis Regina Ferreira & Santiago, Idalina Maria Freitas Lima (2008). Sexualidade na Escola: do Entendimento dos/as professores/as à prática em sala de aula. *Revista Ártemis*, 8, 41-56.
- Silva, Carla Regina & Lopes, Rosely Esquerdo (2009). Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 17(2), 87-106.
- Silveira, Fernando de Almeida & Furlan, Reinaldo (2003). Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. *Psicologia USP*, 14, 171-194.
- Spink, Mary Jane (2004). *Linguagem e Produção de Sentidos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2003). *AIDS: o que pensam os jovens*. Brasília: UNESCO/UNAIDS.
- Ventura da Silva, Miriam (2005). Sexualidade e reprodução na adolescência: uma questão de direitos. In Adorno Rubens (Org.), *Jovens, trajetórias, masculinidades, direitos* (pp. 31-52). São Paulo: Fapesp.



FÁBIO AUGUSTO LISE

Psicólogo, Mestre em Saúde Coletiva, Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

STELA NAZARETH MENEGHEL

Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Fábio Lise e Stela N. Meneghel participaram de todas as etapas da redação do artigo.

ENDEREÇO DE CONTATO

49 - 9123-5134 - fabiolise@hotmail.com

51 - 92946704 - stelameneghel@gmail.com

FORMATO DA CITAÇÃO

Lise, Fábio Augusto e Meneghel, Stela Nazareth (2012). Contadores de histórias - oficinas sobre sexualidade com adolescentes. *Quaderns de Psicologia*, 14(1), 71-82. Acesso em [dia] de [mês] de [ano], de <http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/1128>

HISTÓRIA EDITORIAL

Recebido: 01-04-12.

1ª revisão: 18-04-12.

Aceitado: 18-04-12.